

Dossiê Temático - Discurso e EducaçãoPedro de Souza¹Haroldo de Resende²

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem, mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma 'política' discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos.

Foucault, 1970.

Apresentamos este dossiê, não só pelo corpo textual que o compõe, mas, sobretudo, pela trama discursiva que ele faz aparecer. Pois se o discurso, como define Foucault, vem do fato de que se fala, se diz, pensamos reunir aqui uma amostra de processos constitutivos de educação quando ela não é mais que aquilo que o discurso faz existir. Pressupõe-se, é claro, práticas sociais que giram em torno das relações que os indivíduos entretencem entre si. Aqui se trata do que é dito a partir do que se faz, fazendo assim existir a educação como discurso. Não estamos distantes do apelo que faz Michel Foucault em prol do reconhecimento de *grandes planos no que poderíamos denominar a apropriação social dos discursos* (FOUCAULT, 1972, p. 43). Neste âmbito, é que Foucault nos conduz a localizar a educação como parte de todo sistema discursivo configurando “uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos” (FOUCAULT, 1972, p. 44). Isto incluindo os saberes e os poderes que esses trazem consigo.

Foi retomando esse modo foucaultiano de pensar a educação como avatar do princípio discursivo de controle que nos ocorreu a ideia de reunir textos, cujas temáticas gravitem em torno do binômio discurso-educação. Partindo de diferentes correntes de análise de discurso, convergindo em uma perspectiva tributária da vontade de por em questão a própria constituição discursiva da educação. A vontade a que aludimos aqui é a de apresentar um conjunto de textos que ajudem a pensar que o discurso é constitutivo das práticas educacionais e que nesses processos e práticas também são produzidas subjetividades.

Neste sentido, é interessante observar como a presente coletânea de artigos, ao relacionar discurso e educação, termina por apresentar um panorama em que o conjunto das análises, tanto em termos de condições estritas ou amplas do exercício educacional, conspiram para uma manifestação crítica acerca do que discursivamente se produz como educação. Não se trata de prescrever o que é ou deve ser a educação, enquanto prática ou teoria, mas de examinar em cada situação analisada como se constitui formas culturais que social e historicamente se pode chamar de educação. Por isso mesmo, diferentes vertentes de análise

¹ Doutor pela Universidade Estadual de Campinas, Pós-Doutor pela École Normale Supérieure de Lyon. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador do CNPq.

² Doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor da Universidade Federal de Uberlândia, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação.

foram bem acolhidas nesse dossiê. Portanto, o leitor não vai encontrar nessa coletânea proposições do que seja ou não seja educar a partir do foco analítico sobre os discursos de outros. Trata-se antes de apontar para o que incomoda.

Marcamos aqui, através de modalidades diversas de análises, maneiras específicas de perceber sentidos em práticas educacionais e não um modo de colocar uma contra outra. O que se contrapõe, nesse caso, é a visão autoritária contra a libertária. Essa contraposição se opera por certa modalidade de discurso que faz ver e ouvir outro discurso, que não aquele praticado pelo analista. Fica assim exposta uma espécie de meta de enunciação mostrando o ponto em que o sentido de educação aberto à crítica não coincide com aquele a que seu procedimento analítico se aplica.

Desse modo, talvez seja plausível dizer que o principal mote que anima a organização deste dossiê e os assuntos que ocupa cada um dos artigos, é a interrogação, em alguns aspectos, do que pode ser dito sobre a educação nesse momento histórico que atravessamos e, ao mesmo tempo, perguntar o que pode dizer a educação nesse tempo.

Pois bem, discurso e educação são as duas balizas demarcatórias das discussões que permeiam a reunião dos textos que ora apresentamos. É em torno desse binômio discurso-educação que este dossiê transita naquilo que propõe como reflexão. É de notar-se que praticamente a metade dos artigos se ancoram em proposições teórico-práticas de Michel Foucault para o desenvolvimento de suas discussões.

O primeiro termo do binômio do dossiê, discurso, ocupa um lugar central na obra do filósofo francês, para quem o discurso constitui os objetos. Para ele, as coisas não preexistem às palavras, ou seja, os objetos, as coisas, são constituídos pelo discurso, de maneira que seria correto definir o discurso como a descrição de uma formação histórica.

No *Vocabulário de Foucault*, de Edgardo Castro, ele argumenta que o discurso na obra do filósofo apresenta uma questão de ordem metodológica (CASTRO, 2009, p.117). De tal modo que a abordagem da questão do discurso deve ser feita em relação aos eixos de trabalho de Foucault, ou seja, a noção de discurso deve ser mobilizada em relação à arqueologia, à genealogia e à ética.

Na arqueologia há uma maior extensão do tratamento do conceito de discurso, mesmo porque ela é definida como análise discursiva, envolvendo as condições de possibilidade dos discursos. Na genealogia a análise recai sobre as diferentes formas através das quais o discurso exerce funções no âmbito dos sistemas estratégicos em que os poderes estão implicados e funcionam. Nesse sentido, é possível dizer que o poder não está fora do discurso, ao mesmo tempo em que não é sua fonte ou origem, mas diz respeito a alguma coisa que funciona através do discurso, visto que se trata de um elemento que age na trama de relações estratégicas de poder.

Na ética, o campo de ocupação da função do discurso é a formação da subjetividade, o que consiste na ligação do sujeito com a verdade. Não se trata de descobrir uma verdade no sujeito ou de tornar a alma um objeto de discurso verdadeiro, mas de equipar o sujeito com uma verdade. Trata-se de dotar o sujeito de discursos verdadeiros que sejam matrizes de comportamentos éticos.

Apresentação do Dossiê Temático - Discurso e Educação

A educação, o segundo termo do binômio que denomina este dossiê, por sua vez, não faz parte da ocupação direta das pesquisas de Michel Foucault, visto que nenhum de seus ditos e escritos é inteiramente dedicado à problemática da educação. O que não quer dizer que as questões relativas a essa temática não sejam importantes nas análises realizadas pelo filósofo, mas sempre aparecem em relação a outros problemas, a partir de outros assuntos, como, inclusive, o discurso. Destaca-se, assim, em especial, o livro *Vigiar e punir* no qual, talvez de forma mais vertical, Foucault se detém no problema da organização da educação ocidental que se inscreve no âmbito da reorganização do poder moderno e encontra nos processos de disciplinarização escolar uma das práticas mais vívidas, pondo relevância no corpo como superfície de incidência do poder disciplinar.

Foucault, ao discutir procedimentos de apropriações sociais do discurso na sua famosa aula inaugural no *Collège de France*, em 02 de dezembro de 1970, aponta que, mesmo a educação sendo instrumento que possibilitaria o acesso a quaisquer discursos, acaba operando com uma distribuição que é limitada pelas oposições e pelas lutas sociais que atravessam as práticas discursivas.

Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que eles trazem consigo (FOUCAULT, 1996, p. 43-44).

Desse modo, Foucault afirma que o sistema educacional de uma sociedade constitui a operação política segundo a qual a distribuição e a apropriação dos discursos são mantidas ou transformadas. O que entra em jogo, então, é o controle dos discursos, é a determinação das condições de seu funcionamento, é a imposição de regras aos indivíduos que os pronunciam, é a interdição do acesso a eles por todos. Foucault, então, reconhece que para os sujeitos implicados nas práticas discursivas que envolvem a educação são atribuídos determinados papéis em rituais que definem a qualificação dos indivíduos que falam; enfim; a própria educação acaba por se configurar num procedimento de sujeição do discurso.

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação de papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 1996, p. 44).

Para Foucault, a inscrição de discursos, o ato de falar, aqui, particularmente, o dizer na/da educação e, no sentido mais amplo das mediações do discurso, o educar, sempre está implicado em saberes, verdades, relações de poder e produções de si mesmo. Ou seja, o *sistema de ensino*, ao ritualizar o discurso, fixando papéis para os sujeitos que falam, opera num campo de relações de força em se distribuem e se apropriam discursos que, por sua vez, são carregados de saberes e poderes e que também entram no jogo das relações das lutas sociais.

Na proposição inicial deste dossiê *Discurso e Educação*, foram indicados três eixos a partir dos quais os textos seriam apresentados e posteriormente organizados, quais sejam: 1) perspectivas de trans-

formação e de manutenção social em discursos no campo educacional; 2) subjetivação, cultura e educação: relações e tensões nos discursos sobre as novas sociabilidades; e, 3) discurso como mediação de subjetividades e produção de sentidos em políticas e práticas educacionais. Com a recepção dos artigos, podemos perceber que, de uma forma ou de outra, praticamente todos os textos, se situam na articulação entre os três propósitos, apresentando relações e interconexões com aspectos e elementos que podem ser identificados em mais de um dos eixos. Por isso, optamos em organizar os artigos sem seguir estritamente o critério que havia sido estabelecido de saída, de modo que todas as contribuições são apresentadas em um único bloco, na convergência das discussões e das proposições teórico-metodológicas de cada autor.

Por certo, no domínio em quem põe em questão o ensino de língua estrangeira, encontramos o mesmo processo discursivo de onde se extrai também o fundamento educacional gerindo o ensino das línguas vernáculas. Para se chegar a um veio de condutas homogeneizantes, é preciso assentar o uso da língua, seja nacional ou estrangeira, em lugares em que se trata do mesmo processo de subjetivação a se produzir e controlar. Eis a contradição encontrada nos Parâmetros Curriculares Nacionais que preconizam o ensino da língua estrangeira como o imprescindível de uma cidadania. Tal é a descoberta a que chega a proposta de Janaina de Jesus Santos, *Discursos e identidades: uma análise do ensino de inglês nos documentos oficiais*, mesmo sem colocar no horizonte de seus objetivos. Como pode que o empenho em dar acesso a uma língua estrangeira apague deste acesso o contato com as diferenças? Sua conclusão acerca de uma perspectiva de educação baseada na construção dos saberes, denuncia, em verdade, a atuação discursiva de um projeto de educação conspirando para o apagamento dos conflitos a gerar o processo identitário a que se destina.

No texto *Discursos educacionais na paisagem urbana*, Haroldo de Resende parte do entendimento da educação como fenômeno que se efetiva em processos de constituição subjetiva espraiado por toda a sociedade, por intermédio de diversos mecanismos e atinge toda a população; e, ao mesmo tempo, considera o *outdoor* como uma variação dos impressos educacionais, buscando estabelecer uma discussão acerca de discursos sobre educação e escolarização, tendo *outdoors* como suporte físico, de modo que, a partir de uma série de *outdoors* que constitui o *corpus* documental da investigação, são analisados discursos que inscrevem na ordem imaginária da população determinadas concepções de educação e escolarização. Assim, aponta-se que os *outdoors* como um impresso de propaganda não se reduzem a um mero anúncio, uma vez que o discurso veiculado por eles concorre para a produção de efeitos de sentidos que incidem diretamente na sociabilidade urbana e no enquadramento de condições culturais que fazem com que a percepção sobre a educação seja modificada ou pelo menos entre numa ordem de sentidos estabelecida por uma determinada verdade. De maneira que, por fim, o autor argumenta que é possível dizer que os sentidos de educação provocados pela exposição dos *outdoors*, pavimentam um solo de percepção da escola e seu papel na sociedade e acabam por instituir verdades sobre educação e o acesso ao ensino, forjando subjetividades individuais e coletivas.

Raquel Alvarenga Sena Venera, diante da emergência, no ano de 2016, de projetos de lei voltados para a regulação e o controle de conteúdos curriculares em diferentes Câmaras Legislativas propõe em seu

texto que tem como título *Evocação de memórias: o que está implícito na produção de sentidos do projeto de lei Escola Sem Partido*, desenvolver uma análise do discurso do Projeto de Lei Ordinária n.º 221/2014, tramitado na Câmara de Vereadores de Joinville. A autora pressupõe que em todo o Brasil esses projetos que ficaram conhecidos como *Escola Sem Partido*, foram fomentados pela organização não governamental (ONG) de mesmo nome, de modo que o seu *corpus* documental operou com um recorte da análise que se estendeu também ao texto da justificativa do anteprojeto de lei disponível em diferentes câmaras municipais por essa ONG, de modo que sua análise utilizou ferramentas da Análise do Discurso francesa baseada na tradição de Michel Pêcheux no Brasil com aportes em obras de Eni Orlandi. A intenção do artigo foi trabalhar em três frentes. Primeiro, direcionando-se à formação de professores, em relação ao ensino, busca desenvolver, por intermédio do dispositivo teórico de interpretação, uma prática de leitura sistematizada. Segundo, tendo em conta o compromisso político da docência na utilização de ferramentas de pesquisa em favor da defesa de práticas docentes calcadas na democracia. E, terceiro, demarcando a intenção de por em evidência o silêncio da memória autoritária do Estado. De tal sorte que as noções de sujeito, contexto e linguagem da AD foram acionadas para interpretar a proposição do anteprojeto de lei e entender a identificação de uma memória que subrepticamente se pretende hegemônica ao produzir sentidos que convencem pais, professores e a sociedade em geral.

Luciene Amaral da Silva apresenta um texto intitulado *O discurso da participação na gestão democrática da escola pública: o que dizem os sujeitos da escola*, em parceria com Inalda Maria dos Santos, cujo objetivo é analisar a concepção de participação dos membros do Conselho Escolar dentro da gestão democrática. Trata-se de parte de pesquisa realizada no curso de mestrado e que teve como campo de estudo três escolas da rede pública estadual de ensino do Estado de Alagoas. Os sujeitos escolhidos para a realização da pesquisa que contou com a utilização de questionários e entrevistas para coleta de dados, foram diretores, professores, funcionários, mães e alunos de escolas em que não foi realizada eleição para o cargo de direção no ano de 2013 no sertão de Alagoas. Com o objetivo de perceber as condições de produção dos discursos, o que dizem os sujeitos, segundo o lugar que ocupam na escola e que ideologia está presente nos discursos, os dados coletados foram analisados com a problematização do conceito de participação, assim como o artigo busca fundamentação no referencial teórico de autores do campo educacional e da AD.

A dimensão histórica que faz compreender como se formula discursos em torno da educação aparece também em âmbito pouco trabalhado. Referimos ao ensino da matemática, notadamente no que aí procede as análises do artigo *Discursos da Educação Matemática e a constituição de sujeitos: aspectos históricos do ensino da tabuada*, de Alice Stephanie Tapia Sartori e Claudia Glavam Duarte. Ao apontar elementos para a escrita de uma história do ensino da tabuada, as autoras mostram em que medida pode se deparar, neste domínio, com implicações acerca da constituição de sujeito. O vínculo que se pode rastrear entre o ensino da tabuada, sociedade disciplinar e sociedade de controle leva a certo modo de pontuar a relação entre discurso e educação. Vê-se nesse estudo voltado para o campo da Educação Matemática mais um exemplar de gesto analítico, nesse dossiê, compondo o arquivo de processos discursivos em amplas condições históricas de possibilidade.

Em *O professor e sua ilusão de “domínio”: uma análise discursiva da prática pedagógica escolar no ensino de língua portuguesa* Carolina Fernandes propõe, a partir da Análise de Discurso Francesa, entabular uma reflexão sobre sentidos que podem evocar as expressões “domínio de classe ou da turma” e “domínio do conteúdo”. Para isso, a autora parte da análise de sequências discursivas que mostram aspectos da prática pedagógica no ensino da língua portuguesa. Ao propor-se a refletir sobre o ensino de língua portuguesa balizado em um princípio de controle, Carolina Fernandes, aplicando-se quer do conteúdo exposto em sala de aula, quer a conduta do aluno, afirma que “Esse controle dos dizeres e dos sentidos é imputado ao professor pela instituição escolar que o autoriza a falar por ela”. Marcamos, através de uma análise focada na atividade do professor em sala de aula, uma maneira de colocar um sentido de educação contra outro.

Diante desse panorama de discussões encampadas pelos artigos que apresentamos, cabe-nos apenas indicar e, mais que isso, realçar o potencial analítico que o binômio discurso-educação pode oferecer aos pesquisadores e interessados, de modo geral, em discussões que põem em relevo o discurso como constitutivo da educação. Um amplo espectro de análises e reflexões pode ser aberto na exploração dessa potencialidade. Imbuídos da convicção dessa potencialidade, convidamos os leitores a se deslocarem por esses discursos que constituem a educação e, por isso mesmo, constituem nossas subjetividades, seja como professores, seja como alunos, sejam simplesmente como sujeitos no mundo.

Referências

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução: Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.